



Família Conectada

Sexo na Rede: um desafio para pais e educadores.

Ana Maria Albuquerque

Sexo na rede: Um desafio para pais e educadores.

Autora: Ana Maria de Albuquerque Lima.

Revisão e beneficiamento textual: Ana Mattos

Para maiores informações sobre a autora, acesse: <http://familiaconectada.com.br>.

O objetivo deste material é apresentar algumas formas de tráfego de conteúdo sexual na internet, e os terríveis danos que a superexposição online pode trazer aos envolvidos.

Sexting

Sexting é uma palavra de língua inglesa formada pela junção das palavras sex (sexo) e texting (envio de mensagens de texto). Em tradução literal, significa “sexo por mensagens de texto” e é um termo usado, grosso modo, para descrever o envio de fotos e/ou vídeos íntimos de forma voluntária e consentida, publicadas em redes sociais ou divulgadas por meio de aplicativos de mensagens instantâneas. É importante observar que as características “voluntário” e “consentido” é que identificam o sexting, ficando excluídos do conceito outros tipos de material de conteúdo sexual que circulam na internet.

O sexting nas escolas vem chamando a atenção de educadores, psicólogos escolares e pais, em decorrência de sua alta frequência, principalmente nas escolas particulares, onde jovens de alto poder aquisitivo usam seus smartphones para compartilhar vídeos e fotos íntimas por meio de aplicativos como o Snapchat ou o Whatsapp.

As razões para prática de sexting no ambiente escolar são diversas, desde os “engraçadinhos” que enviam material íntimo para fazer piada, até os que assediam possíveis parceiros, enviando fotos ou vídeos de conteúdo sexual.

A piada sem graça

Muitos jovens mandam mensagens de sexting tentando parecer engraçados, transgressores, ou com o intuito de chocar e ir contra certos valores da sociedade. Eles fotografam seus órgãos sexuais ou partes do corpo, ou filmam performances bizarras em vídeos caseiros que estão, por vezes, na fronteira entre o sexy e o ridículo. É comum encontrar nas redes sociais conteúdos de sexting originalmente produzidos e distribuídos por pessoas de menor inclusão digital entre seu grupo de amigos, que passam a ser divulgados por jovens de classe média com o objetivo de ridicularizar e humilhar pessoas de classes sociais menos privilegiadas.

O problema maior é que os conteúdos digitais ganham vida própria a partir do momento em que entram online. Se o seu filho publica uma foto de sua genitália na internet, não há como prever onde essa foto vai parar e não é possível controlar o que pessoas mal-intencionadas podem fazer com ela. A combinação explosiva de pressão social, imaturidade e sexualidade emergente, somada à disponibilidade tecnológica e à frequente falta de vigilância das famílias, podem trazer resultados bastante prejudiciais às pessoas envolvidas em divulgação de conteúdos relacionados a sexo.

Pressão dos colegas

A pressão dos colegas e a necessidade de ser aceito pelo grupo são fatores que propiciam a prática de sexting, e cada vez mais cedo. Se há poucos anos as escolas e as famílias tinham que lidar com o problema da exposição sexual do jovem na adolescência, atualmente têm sido reportados conteúdos de sexting produzidos por crianças já partir dos nove anos de idade. É muito importante que os pais ajudem os filhos a compreender a fronteira entre o público e o privado, pois só assim eles conseguirão lidar de forma apropriada com a pressão do grupo.

Sexting: como e por quê?

Além do tráfego de mensagens de conteúdo sexual em redes sociais e por meio de mensagens instantâneas em dispositivos móveis, tais como o Messenger ou o Whatsapp, há aplicativos específicos para a prática de sexting, como o Snapchat, que, por destruir a imagem transmitida decorridos cinco segundos, aparenta preservar a privacidade dos seus usuários. No entanto, o Snapchat é considerado um dos ambientes menos seguros da internet, pois os arquivos não são, de fato, destruídos, mas ficam hospedados no servidor do Snapchat e podem ser obtidos por via judicial.

De acordo com pesquisa realizada no Brasil, em 2012, pelas empresas Ecoglobal Solutions, Ex Metriz e Telas Amigas&Clips, grande parte dos praticantes de sexting o fazem por mero exibicionismo. Outros alegam que tal prática faz parte do jogo de sedução, seja nos namoros, seja em busca de sexo casual. Há também um número expressivo de pessoas que se expõem online em razão da desinibição induzida por álcool ou drogas.

No Brasil existe um desconhecimento generalizado sobre a questão, o que torna ainda mais crucial o papel de psicólogos escolares e educadores em conduzir pesquisas sérias sobre o tema, a fim de conscientizar alunos e famílias sobre os perigos de tais práticas. Também precisamos aprender a tratar os temas relacionados a sexo de forma mais pragmática e menos moralista, tanto na escola como em casa.

Consciência e prevenção

O trabalho de prevenção ao sexting nas escolas se inicia no fortalecimento da relação entre os educadores e as famílias. Se o sexting pode ser considerado um problema novo e exclusivo desta geração de jovens, a solução para o problema é bem antiga, pois baseia-se na comunicação e no envolvimento dos pais, a fim de prevenir que seus filhos tomem decisões online de que podem se arrepender depois.

O diálogo franco e aberto entre pais e filhos sobre os riscos da internet deve se instalar no momento em que os filhos ganham o primeiro dispositivo móvel. Dependendo da dinâmica de cada família, isso pode ser uma tarefa difícil, mas é importante que os pais aproveitem cada oportunidade de trabalhar essa temática com seus filhos.

É igualmente importante monitorar o uso que seu filho faz dos dispositivos móveis e evitar planos de dados ilimitados junto às operadoras de telefonia. Vale a pena limitar, na medida do possível, o tempo de uso desses dispositivos, para que eles não sejam o único foco de interesse do seu filho.

Seu filho deve saber que o direito à privacidade é relativo e que sempre entrará em segundo plano quando uma situação de risco iminente surgir. Ele também deve saber que o monitoramento a que está sujeito visa mantê-lo seguro e que você é capaz de tomar medidas extremas em caso de perigos extremos.

Uma forma eficiente de prevenir o sexting é procurar fazer amizades com os pais dos amigos do seu filho, para ter maior acesso a informações sobre o grupo. Conhecer a rede de amizades e vínculos do seu filho e mostrar interesse pelo que ele faz na internet é uma boa forma de manter aberto o canal de diálogo e auxiliá-lo, caso ele venha a ter problemas com práticas de sexting.

Antes de presentear seu filho com um smartphone, faça algumas perguntas:

- Você já recebeu alguma vez alguma mensagem de conteúdo sexual ou uma imagem de nudez em seu celular?
- Alguém já lhe pressionou para mandar uma foto sem roupas pelo celular?
- Você acha que é “ok” mandar mensagens de nudez pelo celular? Se sim, por quê?
- O que pode acontecer se você mandar alguma imagem ou mensagem de conteúdo sexual?

Quando o sexting dá errado...

Seu filho deve saber que ninguém é capaz de controlar a velocidade e o alcance dos conteúdos que são publicados em meio digital. As consequências da “viralização” de imagens e vídeos podem ser bastante nefastas a curto, médio e longo prazo. Ao publicar mensagens de sexting, seu filho está correndo o risco de:

- Tornar-se alvo de fofocas, humilhações ou bullying;
- Sofrer suspensões ou expulsão da escola;
- Perder o respeito dos colegas e ficar com uma má reputação;
- Perder oportunidades de estudo ou de trabalho em decorrência das informações e imagens que aparecem sobre o jovem na rede.
- Ser assediado sexualmente.
- Ter sua imagem divulgada em redes de pornografia infantil.
- Sofrer processos judiciais.
- Adoecer emocionalmente.
- Ser vítima de pornografia de revanche

Meu filho está enviando e recebendo sexting. E agora?

A família não gosta de descobrir que o filho está praticando sexting, mas se isso está acontecendo em sua casa, é hora de agir. Denuncie quando seu filho receber, sem solicitar, ou de desconhecidos, imagens ou vídeos de conteúdo sexual. Não delete as mensagens e procure ajuda dos pais dos envolvidos e dos profissionais da escola para conversar sobre o problema e buscar soluções.

O momento em que uma situação dessas vem à tona cria uma excelente oportunidade para discutir temas referentes à sexualidade, tais como a importância de manter relações saudáveis, o respeito à privacidade do parceiro, o uso de preservativo e as práticas de sexo seguro - inclusive em ambiente virtual. Talvez esse também seja o momento de rever as regras da família sobre uso das tecnologias móveis, ou até retirar temporariamente o privilégio de uso do celular, a fim de reforçar a necessidade do uso responsável da tecnologia.

Meu filho está recebendo sexting, mas não envia. E agora?

Esses casos são um pouco mais assustadores, pois é bastante provável que o seu filho esteja sendo assediado sexualmente, ou esteja sendo vítima de cyberbullying. É muito importante envolver a escola e oferecer ajuda especializada ao seu filho, para que ele compreenda melhor os riscos que corre e aprenda a se proteger das ameaças virtuais. Como regra geral, se seu filho recebe tais mensagens ele não deve apagá-las, mas guardá-las como evidência, para possíveis questões judiciais.

Se a pessoa que enviou as mensagens é alguém que seu filho conhece e que o está pressionando a mandar fotos íntimas de volta, é necessário contatar a família deste colega e a escola, no intuito de buscar uma solução coletiva para o problema. Se a pessoa que enviou as mensagens ou imagens para seu filho for um desconhecido, então está na hora de chamar a polícia.

Invasão de privacidade não é sexting, é crime!

Os conteúdos online envolvendo sexo podem ser usados como instrumento de agressão e chantagem. Há manipulações constrangedoras de fotografias, feitas com o intuito de difamar a vítima; há a distribuição de fotos íntimas, tiradas, por exemplo, no vestiário da escola e divulgadas de forma anônima e sem a permissão da pessoa fotografada. Esses conteúdos podem gerar um forte constrangimento nas vítimas e levá-las a situações extremas de violência escolar, tais como massacres (mais comuns em sociedades armadas, mas pouco frequentes no Brasil) ou suicídios.

Um caso de grande repercussão envolvendo divulgação não autorizada de conteúdo sexual ocorreu em 2006, com a ex-modelo Daniella Cicarelli. Um paparazzi a filmou fazendo sexo com o namorado em uma praia espanhola e tentou extorquir dinheiro de Daniella, que se recusou a pagar. Depois de publicado no YouTube, o vídeo se tornou viral, foi o vídeo mais baixado de 2006 e o caso entrou para a história da internet brasileira, em decorrência de sua complexidade.

Daniella denunciou o caso à polícia de crimes digitais e obteve por via judicial a retirada do vídeo do ar. No entanto, o estrago já estava feito, pois a disseminação do material tinha sido tão ampla, que era impossível retirá-lo. Diante disso, o juiz encarregado da sentença decidiu retirar o site YouTube do ar, o que gerou muita polêmica dentro e fora do Brasil, e muitos protestos de ativistas de tecnologia, fortemente atuantes na defesa dos direitos de livre expressão na rede.

Durante algum tempo, o vídeo de Daniella ficou indisponível na internet, mas como muitas pessoas acessaram e baixaram o material logo após a publicação, por mais que o YouTube tentasse bloquear e punir os usuários que desrespeitavam a determinação judicial, depois de algum tempo o vídeo acabava aparecendo de novo. Nos dias de hoje, quase uma década depois, é relativamente fácil encontrá-lo na rede.

Ainda que muito interessante, o caso de Daniella não configura sexting, pois a filmagem não foi voluntária nem consentida. Esse foi um caso de invasão de privacidade que deve nos levar a refletir sobre a adequação do comportamento humano no que diz respeito à distinção entre público e privado.

Boa parte da repercussão deste episódio se deve ao fato de Daniella ser uma pessoa pública, bonita e rica, em quem o paparazzi viu uma boa possibilidade de renda. Mas isso não quer dizer que os anônimos estejam livres de exposições indevidas. Mais recentemente, em 2013, um casal até então desconhecido foi filmado fazendo sexo na praia de Rio das Ostras, na região dos Lagos, Rio de Janeiro. Era sexta-feira de Carnaval, dia de praia lotada, e o casal estava perto de várias pessoas, inclusive crianças. Um grupo de banhistas filmou o ato sexual completo, publicou o vídeo no YouTube e a mulher rapidamente ficou conhecida como “Cicarelli de Rio das Ostras”.

A mulher, identificada pelas imagens, disse em entrevista que havia acabado de conhecer o rapaz e que, após algumas latas de cerveja, resolveu dar “uns beijos na boca”. Ela foi condenada a serviços comunitários e ao pagamento de uma cesta básica por atentado ao pudor, perdeu seu emprego como cuidadora de idosos e estava com dificuldades de arranjar outra fonte de renda, seus filhos pequenos passaram a sofrer ameaças dos colegas de escola, seu namorado passou a ser chamado de “corno” no ambiente de trabalho e pelos vizinhos. A filha mais velha cortou relações com a mãe, que também corria o risco de perder a guarda dos filhos mais novos. Tal qual a Cicarelli famosa, a de Rio das Ostras também pediu a retirada do vídeo da internet, mas ele pode ser facilmente encontrado em diversos sites. Não há, no início de 2015, notícias recentes sobre esse caso.

É curioso observar os comentários das pessoas que fizeram a filmagem em Rio das Ostras: falas como “chama lá a tia Lúcia”, “olha só eles balançando a roseira” e “olha só, tem até cabecinha para trás” nos fazem refletir sobre a banalização do sexo na sociedade brasileira, relacionada à cultura de culto ao corpo e à “adultificação” e sexualidade precoce das crianças. Esses elementos, somados à falta de noção, por parte de crianças e adolescentes, dos limites entre o público e o privado, são o barril de pólvora na explosão da exposição indevida na internet.

A pornografia de revanche

O termo Pornografia de Revanche (tradução literal do inglês revenge porn) designa a violação da intimidade de uma pessoa na internet, normalmente após o término de um relacionamento amoroso, em que um dos parceiros, contrariado com o fim da relação, resolve se vingar e divulga, sem a permissão do outro, fotos e vídeos íntimos, anteriormente enviados de forma consentida e voluntária, enquanto existia o relacionamento entre as duas pessoas.

A pornografia de revanche é uma violência profunda, com consequências devastadoras. O mês de novembro de 2013, por exemplo, foi marcado pelo suicídio de duas adolescentes brasileiras em um período inferior a 10 dias. As duas mortes foram decorrentes da divulgação de vídeos íntimos no Whatsapp e a declaração de suicídio de uma delas foi anunciada no Twitter momentos antes de a menina dar cabo da própria vida.

É mais frequente a pornografia de revanche ocorrer como uma agressão masculina contra a mulher, mas também acontece da mulher para o homem, como o caso da ganhadora do Lingerie Day de 2009. Ana Carolina Rocha virou celebridade instantânea na rede como @tchulimtchulim após postar fotos íntimas de si mesma como vingança contra o ex-namorado, supostamente para mostrar a ele – e a outros homens – “o que ele estava perdendo” por terminar o relacionamento.

Outro caso de pornografia de revanche que ficou famoso no país inteiro foi o de Fran, uma jovem universitária de Goiânia. Após o fim de um namoro de três anos, um vídeo íntimo do casal foi publicado na internet e visualizado por milhões de pessoas. Seu nome e telefone também foram espalhados na rede e Fran caiu em profunda depressão, parou de comer, teve que deixar o emprego e os estudos e evita sair de casa, mesmo depois de mudar sua aparência física. O ex-namorado nega ter divulgado o vídeo.

Esses casos frequentes nos alertam sobre os riscos de registrar momentos íntimos em fotos ou vídeos, pois nunca se pode prever em que circunstâncias os relacionamentos terminam. Ainda que fotos e vídeos íntimos possam servir de tempero para o relacionamento, ou reavivar memórias excitantes, elas também podem servir de munição para a violência de ex-parceiros chateados com o término da relação. Melhor prevenir do que remediar!



Atribuição-NãoComercial

CC BY-NC

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.